

## Editorial / Editorial

---



Pensar de modo diferente em vez de legitimar o que já se sabe é o alerta de Foucault, ao destacar que a atividade filosófica envolve um exercício de si, “um trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento” (1984, p. 13). Isso assume especial significado também na educação, para a qual convergem as expectativas de que o conhecimento pode ampliar nosso horizonte interpretativo, produzir novas experiências de si mesmo.

As possibilidades abertas pela obra de Foucault criaram condições para sua fértil recepção no campo da educacional, produzindo um conjunto de pesquisas sobre as relações com o saber, o poder e também com a ética, que renovam o entendimento da escola na modernidade, desvelam a docilização dos corpos e os diferentes processos de subjetivação e de constituição da verdade. Com isso arrancamos o “véu de Maia” de nosso olhar. Não pensamos mais a escola nem a educação do mesmo modo depois de Foucault.

Este dossiê *Biopolítica, governamentalidade e educação* recai justamente na fertilidade das pesquisas foucaultianas que se voltam para a governamentalidade, um tema que traz novas contribuições para entender o complexo processo de governo de si. Na *Apresentação*, os organizadores Karla Saraiva, Alfredo Veiga-Neto e Maria Rita Cesar destacam que a “noção de governar a si mesmo, imbricada numa teia conceitual que envolve as tecnologias do eu, as práticas de cuidado de si e a relação do ser-consigo será o motor para o desenvolvimento do eixo do ser-consigo”, revelando o deslocamento do pensamento foucaultiano em direção às questões éticas. A revista *Educação* tem, assim, motivos legítimos para publicar este Dossiê, que contribui para a interpretação do *ethos* contemporâneo na educação.

A revista traz, ainda, a contribuição de trabalhos de pesquisadores que integram a seção *Outros temas*. O artigo *La lectura em Paulo Freire y la competencia lectora de PISA*, de Juan Francisco Remolina Caviedes, é instigante quanto aos questionamentos sobre os sistemas avaliativos classificatórios. Investiga o exame PISA tendo como referência da proposta de leitura de Paulo Freire. Conclui que há importantes diferenças e contradições relacionadas com capacidades cognitivas, códigos representativos e modos interpretativos e especialmente a um diferenciado entendimento do que seja sujeito e leitura.

O artigo *Ensino e aprendizagem na sociedade do entretenimento: desafios para a formação docente*, de Eucidio Pimenta Arruda, traz o polêmico tema das novas tecnologias. Analisa as relações entre o modo como os jovens aprendem numa sociedade de entretenimento e as limitações na incorporação das tecnologias da informação na formação docente. O autor explora possíveis caminhos para essa formação ajustada às novas exigências e alerta sobre o risco de a escola ampliar sua fragilidade diante das transformações geradas pelas tecnologias digitais, de informação e comunicação.

*A escola que avalia e que é avaliada: o papel da escola na construção de um mundo humano comum* é um artigo de Jose Pedro Boufleuer e Rosane Mürmann Prestes que apresenta uma reflexão sobre o papel da educação e da avaliação escolar na socialização e na integração cultural. Distingue a dimensão da avaliação vinculada à aprendizagem e ao currículo e o grau de interdependência e complementaridade entre ambas, na perspectiva de destacar que a “educação, bem como as formas de sua avaliação, deve contemplar esse duplo movimento que vai da sociedade para o indivíduo e do indivíduo para a sociedade”.

No artigo, *Docências inovadoras: a inovação como atitude pedagógica permanente no ensino médio*, Roberto Rafael Dias da Silva e Elí Terezinha Henn Fabris investigam os modos contemporâneos de docência no Ensino Médio, tendo como material empírico as publicações da

*Carta Escola* no período compreendido entre 2005 e 2010 e, como eixo teórico, as economias de poder como estratégias docentes. Indicam que “três estratégias são mobilizadas na constituição dessa docência inovadora: o privilégio da atualidade, o desafio da inventividade, a atitude da determinação voluntariosa.

Elvira Cristina Martins Tassoni e Sérgio Antônio da Silva Leite, no artigo *Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana*, retomam um tema persistente nas investigações do campo da psicologia educacional, que é o tema dos afetos e das emoções. Discutem os resultados de uma pesquisa empírica, realizada em escola paulista, a respeito da afetividade no processo de ensinar e aprender, interpretadas a partir da teoria de Wallon. Concluem que “as formas de representação da afetividade transformam-se, ao longo do desenvolvimento humano, manifestando-se e nutrindo-se por vias mais refinadas e complexas”.

Sabemos que é na interação com os leitores que uma revista se vivifica, interpela e convida à reflexão. Assim, desejamos a todos uma boa leitura.

NADJA HERMANN

#### REFERÊNCIA

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984. v. 2.